



PADRE HAMILTON GUEDES RAMOS
SALESIANO DE DOM BOSCO

INSTITUTO NOSSA SENHORA AUXILIADORA
CRUZEIRO-SP, BRASIL

Padre Hamilton Guedes Ramos

No dia 16 de fevereiro de 2013, no Hospital São Camilo, no bairro de Santana, na Capital paulista, faleceu o P. HAMILTON GUEDES RAMOS SDB, aos 82 anos de vida e 53 de sacerdócio.

Origens familiares.

O P. Hamilton Guedes Ramos nasceu em Brazópolis, no sul de Minas Gerais, na microrregião de Itajubá, aos 8 de janeiro de 1931, primeiro filho do casal Antônio Guedes Ramos e Claudina Velloso Guedes. O Sr. Antônio tinha ficado viúvo de um primeiro casamento, do qual nascera um filho. Do segundo casamento, com D. Claudina, nasceram Hamilton e outros seis filhos. No mês seguinte ao seu nascimento, no dia 17 de fevereiro, Hamilton foi batizado. Recebeu a Crisma aos dois anos de idade, no dia 30 de setembro de 1933; a Primeira Comunhão foi fazê-la aos sete anos de idade, em 1938, sempre na sua Brazópolis natal. Brazópolis, que mudou a grafia pelo menos duas vezes: antes com o z, depois com s, e atualmente de novo com z.

Menino bom, educado, excelente filho, marca dos Velloso e espelho de sua mãe, entrou para o Grupo Escolar (atual Ensino Fundamental-1) Cel. Francisco Braz, nos idos de 1940. Aluno assíduo e aplicado, inteligente e estudioso, saía-se bem em todas as matérias na escola, e era sempre obediente e respeitoso com suas professoras. Dotado de um comportamento exemplar, tornava-se benquisto pela direção do Grupo e alvo da amizade de todos os seus colegas.

Ainda no período da sua educação escolar primária, faleceu-lhe o pai Sr. Antônio. À mãe D. Claudina, professora da escola estadual, coube administrar a família e conduzir os filhos, revelando-se mulher forte, batalhadora, não deixando faltar nada aos filhos, em especial a educação e a formação. E o Hamilton, ainda criança, estudando no Grupo Escolar, tentou amenizar a situação financeira da mãe, indo trabalhar como balconista no bar dos Srs. José Machado de Souza e Alcebíades Machado de Souza (Bias Machado), ali permanecendo até sua formatura no Grupo Escolar, em fins de 1943. Gostava muito de futebol, esporte que sempre praticou com perfeição. Como todo mundo da região, acompanhava pelo rádio os jogos de futebol dos times do Rio de Janeiro, motivo pelo qual se tornou torcedor do Botafogo, paixão que o acompanhou por toda a vida, mesmo nas décadas em que o clube da estrela solitária perdeu muito do seu brilho.

Atendendo ao pedido de diversas mães, D. Noêmia de Carvalho Cintra, que mantinha correspondência com diversos seminários,

congregações e ordens religiosas, conseguiu com os salesianos de Lorena lugar para alguns meninos, entre eles o Hamilton. Aliás, de Brazópolis vieram para a Inspetoria de São Paulo o P. Luís Inácio Bordignon, já falecido, e o P. Orestes Brandani. Foi feito um encontro na casa de D. Noêmia para que todos se conhecessem, e tiraram fotos com o Padre Quinzinho, e a seguir se fez a preparação das malas, pois os dias passavam rápidos, até que no dia 31 de janeiro de 1944, às seis horas da manhã, todos bem vestidos e engravatados, conforme exigia o seminário, na Estação de Brazópolis apanharam o trem da RMV (Rede Mineira de Viação), também conhecido por Maria Fumaça, e lá se foram, candidatos a padres. Hamilton tinha nessa altura treze anos.

Tempos de seminário.

Acompanhados de Donas Claudina, mãe do Hamilton, e Afonsa Melo, chegaram a Lorena no dia seguinte, primeiro de fevereiro, por volta das duas da tarde, na Escola Agrícola Cel. José Vicente, sendo recebidos por seu diretor o P. Bartolomeu Poli, que com grande sorriso e simpatia, procurou falar com todos, deixando-os à vontade, e depois os alojou no dormitório. Nesse ano de 1944, o seminarista Hamilton fez o então Curso de Admissão ao Ginásio. Em 1945, foi transferido para o Ginásio São Joaquim, da mesma cidade de Lorena, iniciando aí o então Curso Ginasial (atual Ensino Fundamental-2), ali permanecendo até o 3º ano (atual Oitavo Ano), em 1947. Em 1948 foi transferido para Lavrinhas (SP), para cursar a 4ª série (atual Nono Ano), e preparar-se para ingresso no noviciado. Percebia-se que ele tinha gostado muito do São Joaquim pela maneira com que ele o identificava para as pessoas do Sul de Minas como “o colégio daquela igreja [o Santuário de São Benedito] junto à linha do trem, que tem muitas estátuas de santos na platibanda”, numa alusão às imagens dos apóstolos nessa época existentes e que depois foram se esboroando e finalmente dali retiradas. Com isso, ele passava para as pessoas a importância do lugar. E com facilidade se pode entender: Lorena era muito maior que Brazópolis, e o São Joaquim ficava em pleno centro da cidade. Já nos comentários sobre Lavrinhas o P. Hamilton, bem mineiramente, era muito menos entusiasta, destacando apenas o susto que levou logo ao chegar e ver como o ambiente era tacanho e como os aspirantes, principalmente os que moravam mais longe, se vestiam muito mal, um retrocesso sem dúvida.

Em 1949, foi admitido como noviço no Instituto Coração Eucarístico, de Pindamonhangaba. Conforme o costume da época, no noviciado recebeu a solene vestidura clerical, despindo-se do homem velho e vestindo a roupagem do homem novo, trocando o paletó e a gravata pela batina, voltinha (colarinho branco) e o barrete. Terminado o noviciado, fez a primeira profissão dos votos de pobreza, castidade e obediência, sendo em seguida encaminhado para fazer os três anos de Filosofia em Lorena (de

1950 a 1952). Ainda não tinha sido criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de tal forma que ele fez apenas o curso seminarístico de Filosofia, e só mais tarde foi fazer cursos reconhecidos por lei. Durante esse período dos estudos filosóficos, como trabalho pastoral, nos finais de semana vinha de Lorena a Cruzeiro ajudar nas atividades do Oratório Festivo, junto com seu colega, o então clérigo Germano Slomp. À época a obra em Cruzeiro consistia apenas no oratório festivo, e não tinha uma comunidade salesiana residente, sendo levada à frente pelo P. Mário Reis, confessor do aspirantado de Lavrinhas, ajudado por esses estudantes de Filosofia que vinham aqui no final de semana. De sábado para domingo dormiam numa casa à esquerda de quem entrava para a igreja. As refeições eram garantidas graciosamente, em rodízio, por famílias de colaboradores. Já nessa época a obra salesiana tinha grande incidência sobre a população, que ainda hoje conserva a memória do P. Mário Reis, e o tem na categoria de padre santo. Terminados os estudos filosóficos, o seminarista Hamilton fez o triênio de tirocínio prático primeiramente no Liceu Coração de Jesus, como professor do Curso Primário (1953), e depois na Escola Agrícola Cel. José Vicente, de Lorena (1954 e 1955).

Terminada essa fase da assistência, foi para o Instituto Teológico Pio XI, para os últimos quatro anos de formação em preparação para o sacerdócio (1956-1959). Naqueles tempos de disciplina rigorosa, não se permitia aos seminaristas o contato com as coisas do mundo exterior, como jornal, rádio e televisão (esta nos seus inícios), coisa demasiado rigorosa para jovens cheios de vida. Como os seminaristas dormiam em celas tendo entre si divisórias de madeira e uma cortina à frente, vários deles, entre os quais o Hamilton, montavam o seu primitivo rádio galena para acompanhar a transmissão dos jogos de futebol. Como trabalho pastoral, de novo com o seu companheiro Germano Slomp, trabalhou nos finais de semana no oratório do Santa Teresinha, na zona norte de São Paulo. Ordenou-se padre no dia 08 de dezembro de 1959, junto com toda a sua turma, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, do Bom Retiro. Da sua turma, continuam vivos na Inspetoria de São Paulo D. Fernando Legal, bispo emérito de São Miguel Paulista, e o P. Lecy Gomes Costa.

Primeiros anos de sacerdote.

Nos seus últimos anos de vida, P. Hamilton colocou em uma única folha todo o seu histórico. Curiosamente, aí omitiu o primeiro ano de padre, 1960, em que esteve em Lorena, para fazer Estudos Pastorais. Era essa uma iniciativa recente da Inspetoria com a proposta de proporcionar aos neo-sacerdotes a transição entre a vida de estudos e a vida de trabalhos. Mas nem toda a brilhantíssima inteligência do P. Antonio da Silva Ferreira, encarregado de conduzir essa experiência, conseguiu dar um formato convincente para esse estágio, de tal forma que pouco depois essa

experiência foi extinta. Muito mineiramente, o P. Hamilton resolveu a questão com rapidez: em vez de discuti-la, silenciosamente promoveu-a à não-existência.

Em seguida, trabalhou dois anos no Liceu Coração de Jesus, de São Paulo, e três anos no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas. E foi aí que eu, como aluno do curso Primário (atual Fundamental-1), o conheci, sempre no pátio entre os alunos, cuidando do externato e também do oratório, que na época era diário. Mais com os oratorianos do que com os alunos do externato, o P. Hamilton vivia jogando futebol, com a parte inferior da batina alçada, abotoada a uma casinha de botão do peito, para livrar as pernas. Nesses primeiros anos de sacerdócio, ele, que durante o curso de Teologia tinha feito também o curso de Administração Escolar, fez também o curso de Matemática e de Pedagogia, e o de Orientação Educacional, para mais tarde, na década de setenta, fazer o curso de Revalidação Filosófica, obtendo assim os títulos necessários para atuar com profissionalidade no campo escolar.

Cruzeiro.

Em 1966 veio para o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, de Cruzeiro, carinhosamente chamado de Oratório pela população da cidade. Aqui, numa primeira fase, trabalhou longos 23 anos (1966-1988), continuando o seu estilo de sempre no meio da molecada, jogando futebol, prendendo a batina, e cumprindo uma lei jamais escrita mas sempre observada: nunca permitir que o time dele perdesse. Era secretário da escola, ecônomo, encarregado da disciplina e dava aulas de Matemática, nas quais tinha um jeito muito próprio de resolver questões disciplinares. Quando a turma começava a conversar, ele ia baixado o volume da voz, diminuindo o tamanho da letra na lousa, e terminava a aula anunciando: "Na próxima aula, prova". Levava a administração num estilo bem caseiro e familiar, e às vezes as várias funções dele se sobreponham e se confundiam. Por exemplo, segundo o relato de uma senhora, nos primeiros tempos do matrimônio dela, quando ela nem tinha completado trinta anos, o marido enveredou pela infidelidade conjugal, e de tal forma se desgovernou que passou um ano sem pagar nenhuma mensalidade dos vários filhos na escola. Só no final do ano veio saldar as contas com o P. Hamilton, expondo o "rolo" em que se tinha metido. Pois o P. Hamilton, que todos os dias se encontrava com essa senhora quando ela vinha buscar os próprios filhos na escola, sem jamais lhe ter feito algum aceno ao atraso nos pagamentos, acolheu o marido, e não cobrou nada dos juros devidos. Ela só foi saber dos atrasos no pagamento e da infidelidade quando o marido se encarregou de ele mesmo contar a ela tudo o que tinha acontecido.

Por um período de sete anos (1989-1995) trabalhou em Campos do Jordão. Mas ele continuava ligadíssimo a Cruzeiro. De tal forma que, dizem

as testemunhas, quando o P. Inspetor foi a Campos do Jordão comunicar a ele que ele deveria se transferir de volta para Cruzeiro, ele se retirou um pouco, e depois de meia hora estava já de malas prontas, esperando que o P. Inspetor mesmo o trouxesse de volta para Cruzeiro. Aqui permaneceu um segundo período de mais dezessete anos, até o fim de seus dias (1996-2013). Exerceu as funções de ecônomo e se dedicou ao atendimento dos doentes da Santa Casa, que dista do Oratório apenas dois quarteirões. Passava diariamente pela UTI e pelos quartos atendendo aos doentes, ouvindo-lhes as confissões e administrando a Unção dos Enfermos.

Traços relevantes.

Já tinha se acentuado mais a doença da retinite pigmentosa, que inicialmente se manifestara como cegueira noturna, mas paulatinamente foi comprometendo-lhe também a visão diurna. Dava-nos a impressão de que o P. Hamilton caminhava pelos pórticos e demais ambientes mais por memória do que pela visão propriamente dita. Não era raro na sacristia ele dar um “encontrão” numa pessoa que não deveria estar ali naquele momento. E, mesmo nos pórticos, muito mais iluminados, ele vivia dando topadas. Uma vez me aconteceu que, fazendo entrevistas individuais com as crianças da catequese da Primeira Eucaristia, em vez de fazê-las no meu escritório, coloquei duas carteiras universitárias no pórtico, em frente às salas usadas para a catequese, para a coisa fluir mais rapidamente. Pois num determinado momento, senti um solavanco pelas costas: o P. Hamilton vinha vindo detrás de mim, e simplesmente não tinha visto à sua frente as duas carteiras, e nelas a minha pessoa e uma criança, apesar da iluminação reinante no pórtico, e tinha dado um tremendo chute no pé posterior da cadeira. Ele ia caindo, quando se agarrou em mim, e rapidamente disfarçou: “Desculpe! É que eu estava distraído!” Caminhava sempre com as mãos espalmadas à altura do peito para se prevenir de alguma trombada e como que tateando o ambiente. Vez por outra ele aparecia com a testa marcada por um calombo, ou com um esfolado no braço por ter dado trombada em alguma coluna que tinha insistido em mudar de lugar. Mas nada disso era capaz de alterar sua rotina, nada o impedia de ir a pé à Santa Casa todos os dias, com o seu jeitinho de andar ao mesmo tempo ligeiro e cuidadoso, sempre firmando antes a ponta do pé dianteiro para dar o passo seguinte e não ser surpreendido por algum buraco ou pequena elevação. Esse era um segundo meio de ir tateando o ambiente. Sempre discreto e orgulhoso, minimizava o problema, e o limitava a uma simples cegueira noturna.

Talvez por sentir em si uma doença e pelo contato diário com médicos e pessoal de enfermagem no hospital, além do seu trato com os doentes, desenvolveu uma curiosidade de pesquisa sobre as doenças, suas terapias, e lugares onde houvesse alguma promessa de uma solução

diferente para recomendar às pessoas. Cuidava muito dos outros, mas não cuidava muito de si.

O P. Hamilton tinha dificuldades para se ver fora de Cruzeiro. Nas férias, tirava apenas um dia para visitar os parentes em Brazópolis, saindo daqui de manhã, chegando lá para o almoço e logo depois voltando. Telefonava-lhes frequentemente, mas não queria se ver fora de Cruzeiro.

Era um homem das rotinas. Acordava bem cedo, ali pelas quatro da manhã, preparava o café para a comunidade salesiana, abria bem cedo a capela do Oratório para a missa das 6:20h; ia celebrar a missa na capela da Santa Casa, voltava para a récita do ofício e meditação às sete horas, e depois desenvolvia a sua rotina de passar pela portaria em diversos momentos do dia, especialmente na entrada e saída dos alunos e dos pais, passar pelos escritórios, ir de novo à Santa Casa para atender os doentes, ficar pesquisando na internet. Só sossegava depois da missa das 19:00h com o povo, não antes, porém, de fechar as portas da capela, e de apagar todas as luzes. Da mesma forma, ia ele mesmo fazer as compras de frutas e verduras no hortifrutigranjeiro, religiosamente toda sexta-feira. Também foi picado pelo bichinho da tecnologia. Além da internet, logo que apareceram os celulares, ele mergulhou nessa. E tinha uma verdadeira paixão por tirar fotos, sem podermos garantir os resultados, pelo problema da visão. Mas que ele tirava as fotos, isso tirava, e com gosto! Conversava com todos, raramente em conversas prolongadas, mas sempre alegre, e fazendo algum gracejo.

Por ter permanecido muito tempo na mesma casa, pela maneira muito familiar de condução na administração, e levado pela bondade do coração, também infelizmente começou a prestar auxílio econômico em dinheiro para pessoas avulsas, sem ligação com a atividade da obra e a título pessoal, isso apesar das três conferências vicentinas atuantes na capela do Oratório. Levou tempo para sucessivas administrações conseguirem ir disciplinando-o, afastando-o da prestação desses auxílios. Essas providências foram tomadas por irmãos salesianos muito mais jovens que ele e mais recentes na obra. Se esse momento exigiu muita delicadeza e firmeza da parte desses irmãos, também podemos supor a renúncia e a humildade requeridas por parte do P. Hamilton para deixar para trás esse tipo de ação.

Como já foi dito, cuidava dos outros, mas não cuidava muito de si. Era muito simples no vestir. Vendo-lhe as calças, camisas e sapatos sempre batidos, as pessoas tinham dificuldade para escolher um presentear-lhe porque sabiam que não ia usá-los, insistindo em continuar com as mesmas peças velhas de sempre, e dando aos outros o que ele tinha ganho. Não gostava nem de pedir nem de receber ajuda. Muitas vezes os funcionários viam-no caindo na quadra coberta, enrolado nas grandes redes que delimitam as quadras, mas ficavam apenas observando de longe

para prevenir algo mais grave, sabendo que ele não aceitaria ajuda. Enfim, se desembaraçava, se levantava, fingia que não tinha acontecido nada, e continuava o seu caminho.

Últimos tempos.

Nessa linha de não enxergar, de não pedir ajuda e de não cuidar de si mesmo, não percebeu quando começou a perder sangue pela urina. Ou, tendo percebido, não procurou médico para uma consulta, contentando-se com alguma pergunta genérica, superficial, de corredor de Santa Casa, e se automedicava. Essa maneira de agir conspirou contra ele e se agudizou no segundo semestre de 2012.

Quando foi levado para a Santa Casa de Cruzeiro para ser cuidado, já não havia muita possibilidade de ablação do tumor na bexiga. Uma operação seria demais invasiva. Uma simples cauterização não conseguiria resolver, pelo tamanho do tumor. E aí foi inicialmente uma internação na Santa Casa, e um período em casa. Nesse tempo todo, foi acompanhado com muito carinho pelas pessoas que frequentam o Oratório, que se sucediam para lhe fazer companhia no quarto. Quando falamos a ele que ele deveria ser levado para a casa salesiana de Santa Teresinha, na Capital, para ser cuidado por uma equipe de enfermagem e para estar mais perto de hospitais de maior porte, ele reagiu com todo o apego que tinha a Cruzeiro. Precisou vir o P. Inspetor para convencê-lo a aceitar essa decisão, com o esclarecimento de que ele continuava sendo pessoal da comunidade salesiana de Cruzeiro, só temporariamente estando na comunidade de Santa Teresinha por motivos médicos. Daí ele se resignou.

Foi carinhosamente acolhido pela comunidade salesiana de Santa Teresinha e por sua equipe de enfermeiras nos meses de novembro, dezembro e janeiro, durante os quais passou uns períodos na própria comunidade e outros períodos no Hospital São Camilo, da Zona Norte. Também os familiares dele o acompanharam bem de perto, fazendo-lhe visitas frequentes quer no período em que ele esteve doente aqui em Cruzeiro, quer no período em que esteve em São Paulo. Uma sobrinha médica que trabalha no Hospital das Clínicas, de São Paulo, também acompanhou de perto todo o desenrolar da doença e dos procedimentos tentados, tranquilizando a família a cerca do acerto de tudo quanto vinha sendo feito.

Mas, como já diziam os médicos aqui em Cruzeiro, o P. Hamilton procurou ajuda médica tarde demais. Os médicos de São Paulo confirmaram os diagnósticos e os procedimentos iniciados em Cruzeiro, mas não tinham o que fazer a mais. E assim no dia 16 de fevereiro de 2013, sábado, o P. Hamilton voltou para Deus. O corpo chegou a Cruzeiro entre a missa das 17:30 e a das 19:00h. Então, a missa das 19:00h foi sua primeira missa de corpo presente. Seu colega de turma, D. Fernando Legal, bispo

emérito de São Miguel Paulista, fez questão de estar presente e proceder à encomendações. O corpo permaneceu para velório na capela do Oratório durante o resto da noite e toda a madrugada. Na manhã do domingo, de novo se celebrou uma missa de corpo presente às 7:00h, e se procedeu a uma segunda encomendação. Então, sob os aplausos da comunidade, o corpo seguiu para Brazópolis. O carro fúnebre foi seguido de uma carreata da cidade de Cruzeiro. Em Brazópolis, uma nova missa de corpo presente à tarde, seguida do sepultamento junto ao túmulo da mãe, conforme ele próprio pedira e conforme até então permitia a disciplina na Inspetoria Salesiana de São Paulo. O P. Jeferson, que tinha acompanhado mais de perto todos os procedimentos em torno do P. Hamilton foi acompanhando e representando a comunidade dos salesianos.

Oremos por este nosso irmão, e pela obra salesiana desta cidade de Cruzeiro.

P. Ailton António dos Santos
Diretor

Dados para o necrológio:

Pe. Hamilton Guedes Ramos



Nascimento:

08 de janeiro de 1931, em Brazópolis (MG).

Primeira Profissão:

31 de janeiro de 1950.

Profissão Perpétua:

31 de janeiro de 1956

Ordenação Sacerdotal:

08 de dezembro de 1959 – igreja de N. S. Auxiliadora, São Paulo (SP).

Falecimento:

16 de fevereiro de 2013, em São Paulo, com 82 anos de idade e 53 de sacerdócio.